

SESSÕES DO PLENÁRIO

25ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 10 de agosto de 2023.

**PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELINHO VEIGA
(PRIMEIRO-SECRETÁRIO)**

O Sr. PRESIDENTE (Marcelinho Veiga): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao escritor e poeta, professor Cyro de Mattos, nos termos da Resolução nº 2.064/2022, proposta pelo deputado Marcelinho Veiga.

Para compor esta Mesa, chamo o presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, meu amigo Joaci Fonseca de Góes. (Palmas)

Quero chamar também para compor a Mesa o Sr. Marcus Vinícius Rodrigues, professor e vice-presidente da Academia de Letras da Bahia, que hoje representa o seu presidente. (Palmas)

Convido para compor a Mesa a Sr.^a Margarida Fahel, acadêmica que neste ato representa a Academia de Letras de Itabuna, estado da Bahia. (Palmas)

Convido o Sr. Jabes Ribeiro, acadêmico, meu amigo, que neste ato representa a Academia de Letras de Ilhéus. (Palmas)

Convido o Sr. Cristiano Lima, coordenador da biblioteca virtual da Fundação Pedro Calmon, que neste ato representa o secretário de Cultura do estado da Bahia, Bruno Monteiro. (Palmas)

E, por fim, convido o nosso homenageado, o professor Cyro de Mattos, essa referência das artes, da cultura e da história da Bahia, para compor a Mesa junto com a gente. (Palmas)

Quero saudar também todos os familiares do professor Cyro aqui presentes: a Sr.^a Mariza de Mattos, esposa do homenageado, a gente já teve a oportunidade de conversar aqui na antessala do cafezinho; quero saudar a sua filha, Josefina de Mattos; quero saudar o Sr. Luís Fernando Mattos, neto do homenageado; e o Sr. Anderson, o genro do homenageado. É muito importante, neste dia tão especial, o nosso professor Cyro contar com a presença dos seus entes familiares.

Também quero mencionar a presença dos alunos, os estudantes do Complexo Integrado de Educação de Ipiaú (palmas), que estão aqui nas galerias tendo a oportunidade de conhecer uma sessão aqui da Casa, uma sessão especial. Não é a

sessão que a gente tem na rotina, mas não é menos importante: é tão ou mais importante do que as sessões ordinárias.

Como proponente desta sessão especial, uma sessão que, para mim, é muito diferente... Hoje a gente tem a outorga da Comenda Dois de Julho a uma pessoa que, dentro das minhas convicções, se encaixa perfeitamente nos requisitos que essa comenda diz e, por isso, lhe oferece, Cyro.

Vou fazer meu pronunciamento da tribuna porque acredito que a mais alta honraria do estado da Bahia, da Assembleia Legislativa, tem que ser voltada às pessoas do seu porte.

E, antes disso, ouviremos o Hino Nacional Brasileiro.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelinho Veiga): Peço licença para me ausentar da Mesa e fazer uso da palavra.

O Sr. MARCELINHO VEIGA: Boa tarde a todos e a todas, mais uma vez faço esta saudação, porém, agora, de maneira mais informal e aqui na tribuna, Cyro.

Eu sou um jovem deputado, que me encontro no meu segundo mandato e, antes de iniciar o meu primeiro mandato, eu já frequentava esta Casa há muitos anos, são muitos anos convivendo diariamente com o dia a dia desta Casa, e uma coisa que sempre me chamava atenção era a Comenda Dois de Julho, a mais alta honraria que esta Casa Legislativa outorga a uma pessoa.

Eu sempre fiquei a imaginar quem seria a primeira pessoa a quem eu iria entregar essa honraria. Eu não queria fazer por fazer: eu acho que a história da Bahia tem que ser respeitada, e a Comenda Dois de Julho tem que ser direcionada para quem realmente merece.

Desde então, nunca tinha vindo ao meu pensamento a pessoa para quem eu iria fazer esta homenagem. Até que, em um belo dia, uma pessoa por quem eu tenho um carinho muito grande e respeito, o professor Joaci Góes, que está aqui presente, me ligou contando um pouco mais da história do professor Cyro. A partir daí, eu fui procurando saber, entender e compreender a trajetória de vida dele. E foi aí que eu caí na real, Joaci, pois eu vi que o professor Cyro se encaixava perfeitamente nos meus ideais e nas honrarias desta Casa.

Iniciei meu mandato muito jovem, advogado que sou, fiz duas pós-graduações e sempre procurei fazer um mandato pautado tanto na política, mas também na ética, um mandato sério e com conteúdo. Então, hoje, professor Cyro, é um dia tão importante para mim como é tão importante para o senhor, que tem uma história vasta.

Quem aqui conhece Cyro, seus familiares, sabe que a história do homenageado de hoje é uma história rica, é uma história grande, é uma história que merece o louvor de todo cidadão, não importa se é de um lado político, se é de outro: não se trata de política, aqui se fala do nosso estado da Bahia.

Professor, jornalista, advogado, escritor, poeta, romancista, 65 livros no Brasil... – se eu errar, o senhor me conserta no seu pronunciamento, porque quando a pessoa tem um currículo tão vasto, Joaci, às vezes a gente falta com alguma coisa ou esquece –, são 16 livros publicados no exterior, mais de dez antologias organizadas por ele,

diversos prêmios não só nacionalmente, mas também internacionais, enfim, uma pessoa de um caráter, de um preparo, que orgulha a Bahia.

Hoje o professor Cyro de Mattos orgulha a sua família, seus amigos e enche de orgulho cada baiano. Muitas vezes a gente vê o jovem se afastando das artes, se afastando da cultura, se afastando da ciência, se afastando dos livros, mas, hoje, com esta comenda, a gente mostra que isso é o que vale a pena, é isso que transforma a população, é isso que o jovem tem de fazer para o futuro – e ainda fiquei feliz, pois estou vendo os estudantes de Ipiaú.

Não tenho nada contra a entrega da Comenda Dois de Julho para outros tipos de pessoas, de outras vertentes, de outras áreas de atuação, porém, Cyro, esta cerimônia de outorga da comenda mostra a importância de a gente lutar pela nossa história, pela nossa cultura, saber de onde a gente veio, saber para onde a gente vai.

Vi uma entrevista sua recente – salvo engano, em março deste ano, eu a assisti toda no *YouTube*. Eu o vi contando sua história, como começou a sua vontade de ler, de aprender e de construir. Tenha certeza de que isso me deixa muito feliz.

Antes de chegar aqui na sessão, encontrei Cyro e perguntei se ele conhecia a figura do meu avô. O meu avô, Cláudio de Andrade Veiga, foi colega do senhor por algum tempo, colega de Joaci Góes, foi uma pessoa que tinha ideais pessoais muito próximos aos do senhor. E a minha formação vem daí.

Meu avô foi presidente da Academia de Letras da Bahia por 26 anos, dedicou-se à Literatura, aos estudos, ao magistério, se dedicou à cultura baiana. Ele, que era professor de Letras, professor de Francês, sempre me pautou e me orientou a seguir dessa forma. Eu, que muitas vezes passava o final de semana dentro da sua biblioteca, dentro de casa. Meu avô tinha, dentro de sua casa, uma biblioteca com mais de 10 mil exemplares. E, hoje, nosso professor Cyro de Mattos ocupa a cadeira de número 22 da Academia de Letras da Bahia. E isso é mais um ponto que faz a gente se encontrar, Cyro.

Então, hoje a gente está aqui, no Plenário desta Casa, mas, desde o início das nossas conversas, eu já venho traçando pontos que interligam a minha vida pessoal com a sua.

A Academia de Letras da Bahia é uma casa muito importante, é uma casa pela qual luto muito, Joaci, para que a sociedade e o governo entendam o real significado daquela casa, o real significado de a gente fomentar a nossa cultura.

Quero direcionar agora ao acadêmico Marcos Vinícius Rodrigues e em sua pessoa saudar todos os acadêmicos, dizer da minha vontade, como parlamentar, de ajudar aquela casa que é importante não só para agora, mas também para o futuro.

Cyro, diante de todo o exposto, diante da mais alta honraria que esta Casa pode outorgar a um cidadão, como eu disse no início, a sua pessoa se enquadra perfeitamente em todos os requisitos. Você tem sua história traçada na história da Bahia, história de luta, história de aprendizado. Tenho a certeza de que todos seus familiares que estão aqui presentes, seus amigos, até os que não estão presentes, se sentem honrados com essa Comenda Dois de Julho. Tenho a certeza de que ela estará em boas mãos. Uma pessoa que não tem o tempo presente é uma pessoa que pensa à frente. E essa comenda

engrandece a sua vida, as suas obras, a sua história, e tenho a certeza de que vai ser um ponto inesquecível para você, para nós e para toda a Bahia.

Que Deus abençoe o senhor grandemente. Tenha a certeza de que este jovem deputado dá muito valor ao que está sendo feito aqui, hoje, ao seu trabalho e eu tenho a plena convicção de que a cultura, as artes e as ciências do estado da Bahia precisam ser fomentadas. Eu, como uma liderança jovem, que muitas vezes vejo o jovem tão esquecido disso, tenho essa obrigação para não deixar cair no esquecimento tudo que foi construído até aqui.

Deus abençoe e parabéns. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelinho Veiga): Quebrando, mais uma vez, o protocolo... Acho que nos dias de hoje o protocolo, às vezes, tem que ser quebrado, e em um dia de uma homenagem tão especial, uma sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho... Antes de entrar aqui consultei sua filha Josefina sobre se ela poderia falar, expressar o seu sentimento e o da família, transmitir algo sobre essa homenagem de hoje e sobre a história do seu pai, que tanto nos enche de orgulho. Então, eu queria te convidar para usar a palavra. (Palmas) E ela ainda perguntou: “vou falar no improvisado?” Quando se fala de coração é a melhor fala, e não tem erro.

A Sr.ª JOSEFINA MARQUES DE MATTOS MOURA: Boa tarde a todos e a todas as pessoas que se encontram aqui presentes.

Hoje eu vou quebrar um pouco o protocolo e vou saudar a Mesa na pessoa de meu pai, Cyro de Mattos, a quem saúdo e a todas as pessoas que compõem essa Mesa. E, como o deputado Marcelinho falou, fui pega de surpresa para falar a respeito da família e da trajetória de meu pai.

Eu sou defensora pública aqui, na Bahia, há 23 anos, e quem é defensor público sabe que os improvisos acontecem nas nossas vidas quando fazemos, no dia a dia, a defesa daqueles que são mais carentes e a daqueles que são mais hipossuficientes.

Então, meu pai, na minha fala hoje, eu gostaria de começar dizendo que eu honro e celebro a sua caminhada, eu honro e celebro a sua vida, honro e celebro o seu exemplo, porque meu pai, hoje, aos 84 anos, nos ensina todos os dias que nunca devemos desistir dos nossos sonhos, porque meu pai todos os dias consegue sonhar, ele consegue planejar. Ele vai na contramão da história. Por quê? Porque quando chegamos aos 84 anos achamos que a vida, por estar perto de se findar... E nossa família não tem medo da morte, ao contrário, compreendemos a morte como uma passagem para um outro plano melhor do que este em que nós estamos aqui.

O meu pai me ensina a nunca desistir. Esse é o seu grande legado à nossa família: não desistir, não deixar de sonhar, não deixar de lutar nunca, nunca recuar. Se esse é o legado que meu pai deixa para mim, como filha, para os meus filhos e para os meus irmãos, como que eu vou recuar ante um convite que me honra muito para falar a respeito de meu pai?

Quem conhece um pouco Cyro de Mattos, meu pai, sabe da garra que ele tem, da fibra que ele tem. Quando estávamos no hotel, nos arrumando para vir para cá, ele

estava nos apressando, porque ele sempre chega cedo nos lugares, e isso é um grande exemplo em um momento em que as relações são líquidas, são fluidas, em que a internet e as redes sociais nos tiram a companhia e o prazer, muitas vezes, de estarmos próximos.

Cresci em uma família, assim como o deputado Marcelinho, rodeada de livros. E não só de livros: nasci rodeada de máquinas de escrever, do barulho do tic-tic da máquina de escrever – quem aqui conhece sabe. Cresci tendo o privilégio de, muitas vezes, ser a primeira a acessar e a receber os poemas, os contos, receber de meu pai a graça de ler, em primeira mão, uma obra sua. E muitas vezes, meu pai, eu confesso ao senhor: tive muito ciúme dos seus livros, porque os seus livros nos roubaram um pouco de sua presença em nossa família. Mas, hoje, eu entendo que, sem livros, o senhor não sobreviveria.

Então, de fato, como o deputado Marcelinho falou, eu me sinto muito mais contemplada e grata por hoje compreender do quanto essa medalha, a concessão dessa medalha se deu de forma criteriosa e de forma seletiva. Então, eu quero agradecer em nome da minha família ao deputado Marcelinho por nos ter agraciado e agraciado meu pai com essa honraria tão importante, que outras pessoas, de importância e de relevância, estiveram aqui recebendo-a.

Então, meu pai, parabéns. Que o senhor continue nos edificando com a sua capacidade de sonhar, porque, com o senhor, eu aprendi que o sonho não tem medida, que o sonho não tem limite de tempo e não tem limite de idade. Que o senhor viva muitos e muitos anos, para nos alegrar sempre com seus contos. E eu não posso, aqui, jamais deixar de dizer que os meus prediletos são os contos infantis, porque foi nesse ambiente lúdico que eu cresci, que eu me nutri, e que, hoje, sou quem sou, porque tive, dentro da minha casa, um excelente professor e uma excelente professora.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelinho Veiga): Parabéns pelas palavras. Foi de fundamental importância para os presentes, para a família e para o professor Cyro ouvirmos sua filha Josefina. E, muitas vezes em sua fala, eu me via lembrando da minha infância e dos desafios, os desafios de se ter uma vida pautada pela cultura, pela arte, pela leitura.

Quero também mencionar aqui, professor Cyro, dois livros seus que foram publicados por esta Casa: *Os saberes nas narrativas de Jorge Amado e Infância com bicho pesado (e outras histórias)*. Foram publicados também por esta Assembleia Legislativa da Bahia.

Com a palavra agora, meu amigo, esse que tem fundamental importância na minha vida pessoal, política e, também, intelectual. Ele que em 2018 me ligou – eu vou contar de público o que você me contou, vou ter que contar –, dizendo que eu ia ter a honra de ter o voto do professor Joaci Góes. E ele falou para mim: “E o voto, Marcelinho, é pelo seu avô. Eu estou votando em você pela história, amizade e respeito que eu tinha pelo professor Cláudio Andrade Veiga”.

Então, com a palavra o presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Joaci Fonseca de Góes.

O Sr. JOACI FONSECA DE GÓES: Presidente desta sessão, deputado Marcelo Veiga, eu cumprimento todos os membros desta Mesa na pessoa de Mariza, a primeira-dama da literatura baiana, que aqui se encontra, esposa do nosso amigo Cyro de Mattos, e dizer, Josefina, que você ainda teve meia hora, mas eu fui avisado precisamente agora: ninguém me disse que eu iria falar. Mas eu me sinto numa situação melhor do que a sua, porque eu conheço o seu pai há pelo menos o dobro do tempo que você o conhece, porque nós fomos colegas no Colégio Central da Bahia, já nos conhecemos desde 1956, e lá o Cyro se caracterizava por chegar cedo, entrava no Central falando sozinho, falando em voz alta sozinho e declamando, dando sinais etc. E, quando a gente ia interrompê-lo, ele aplicava, em pleno rosto, o texto e o autor daqueles textos que ele estava clamando.

No tempo meu e de Cyro, o Brasil não era muito diferente do tempo de Ariano Suassuna – que era mais velho do que nós, mas o tempo era o mesmo – em que as opções essenciais eram três: Medicina, como diz Ariano Suassuna, para os meninos que gostavam de cortar lagartixa para ver como era o seu interior, então esse cara ia ser médico; o outro que sabia fazer contas, então esse ia ser engenheiro, diz Ariano Suassuna; e aqueles, ele, Ariano Suassuna, como eu que não davam para nada, então resolviam fazer Direito. Isso é um exagero do Suassuna, porque, na realidade, todos os jovens vocacionados para a literatura escolhiam o Direito, preferiam o direito ao Magistério, porque o Magistério naquele tempo era ainda menos valorizado do que hoje.

E aí é que vem uma lição importante. Deputado Marcelo, a sua avaliação está absolutamente correta. Poucas vezes esta comenda, que é a mais alta do Poder Legislativo da Bahia, foi atribuída a alguém com tantos merecimentos. A obra de Cyro impressiona pela qualidade e pela dimensão. Mas eu vou aqui fazer uso de uma experiência que eu aprendi nos Estados Unidos, quando ali morei e estudei: o pronunciamento não deve ser feito para as pessoas que já conhecem sobre o assunto que nós estamos falando, não precisaríamos falar para essas pessoas. Devemos falar precisamente para aquelas pessoas que podem não conhecer sobre o tema. E aí eu vou revelar uma dimensão singular numa perspectiva também literária do que permitiu a Cyro de Matos chegar onde chegou: a expressão literária modelar da literatura brasileira é, no consenso unânime dos estudiosos de literatura, Machado de Assis. Aquele menino pobre, filho de escrava, na primeira fase, e que começou nas atividades mais modestas e que chegou ao principado da literatura brasileira.

A característica fundamental de Machado de Assis é que ele deixou um legado que permitiu a jovens vocações literárias – Marcus Vinícius Couto Rodrigues, nosso confrade na Academia de Letras da Bahia e que aqui está a representá-la, sabe muito bem disso – o legado de Machado de Assis é que ele esteve o mais próximo possível da perfeição, de tal maneira que, nos 31 volumes que ele nos legou, ele exerceu na qualidade da poesia – não produziu uma poesia vasta, mas de uma qualidade extraordinária – no conto, no romance, que produziu. Faltou a ele alguma coisa de expressão no campo da literatura infantil, que não tinha àquele tempo ainda no Brasil

a expressão que veio ou viria a ganhar com Monteiro Lobato, que é posterior a Machado de Assis.

Mas a obra de Cyro de Mattos é completa nessas dimensões. Ele atuou com produções de qualidade, reconhecidas no Brasil e no exterior, em todos esses domínios. No conto, no romance, na poesia, na crítica literária em algumas de suas múltiplas dimensões. Então ele é o produto daquela visão que ele teve desde a adolescência e ele dizia a todos nós: “Eu vou ser escritor. Eu vou ser escritor”.

Graduou-se em Direito, porque tinha que sobreviver e tinha que viver por seus ganhos, ora advogando, ora exercendo funções de assessoria jurídica, mas, de qualquer maneira, ele é uma figura estelar da grande literatura grapiúna, que é a região do sul, do cacau da Bahia, meu caro Jabes Ribeiro, ligou a Bahia ao Brasil. Por isso eu manifesto o meu regozijo e o meu aplauso por esta Assembleia Legislativa, no instante em que ela confere a sua mais alta comenda a um dos brasileiros mais marcantes no campo da literatura e que deixará um extraordinário legado para a posteridade.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelinho Veiga): Neste momento, vamos para a entrega da homenagem e, mais uma vez, convido sua filha, Josefina, para, em nome do Poder Legislativo, Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, fazermos a outorga da Comenda Dois de Julho, a mais alta honraria desta Casa, a este ser humano, escritor e poeta que tanto enche de orgulho a história da Bahia, professor Cyro de Mattos. (Palmas)

(Procede-se à entrega da Comenda.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelinho Veiga): Concedo a palavra agora ao nosso homenageado.

Tenho certeza, professor Cyro, que a Bahia hoje está muito orgulhosa da outorga dessa comenda.

Com a palavra o professor Cyro de Mattos.

O Sr. CYRO MATTOS: Ex.^{mo} Sr. Deputado Marcelinho Veiga, que preside esta sessão, na sua pessoa, estou saudando todos os componentes desta competente Mesa. Agradeço a Deus por ter me dado a vida, por ter me dado a esposa Mariza, pela tolerância e amor durante 55 anos de união física e afetiva. Agradeço aos filhos André Luís, Josefina e Adriano, aos netos Rafael, Luís Fernando, Gabriel, Mariquinha, Murilinho “Galego”, pelo incentivo na construção do meu legado. Eles sempre estão dizendo que o avô é top, mas isso são coisas de filhos e netos. Agradeço ao amigo de longa data, Joaci Góes, presença marcante em minha vida que Deus me deu para, como companheiro de jornadas, de juventude, ao longo dos anos, atravessarmos trilhas e caminhos da mata cultural, das incertezas e dos desejos, pelo seu caráter bondoso que sempre me lembrava, de maneira acalorada, em várias oportunidades, que eu merecia essa honraria.

Faço um agradecimento especial ao deputado Marcelinho Veiga, autor do pleito que me concede a elevada honraria desta Casa Legislativa. As suas palavras cativantes

também me incentivam e me dão a certeza de que viver “(...) *vale a pena quando a alma não é pequena*”, como nos lembra Fernando Pessoa, o genial poeta português.

Meus senhores, minhas senhoras. (Lê) “Eu era aluno do curso clássico no Colégio da Bahia (Central), quando escutei de meu professor Luís Henrique Dias Tavares que a Bahia e o Brasil eram inseparáveis. Meu professor era um homem de estatura pequena, mas que carregava, no coração, um forte amor e, na razão, um grande saber pelos caminhos históricos da Bahia. Observara, em sala de aula, naqueles idos de 1956, que essa união insuperável procedia do fato de que o Brasil exerceu sua verdadeira independência em solo baiano. No entorno deste chão amado, onde aconteceu o embate, houve o abraço dos mares da Baía de Todos os Santos, para que os baianos se libertassem do jugo do Império português.

O movimento social e militar começou em 19 de fevereiro de 1822 e teve seu desfecho vitorioso em 2 de julho de 1823. O Dois de Julho tornou-se data de máxima importância para os baianos, que a festejam, todos os anos, com a alma revestida de fervor e sentimentos de louvor. Foi um movimento pelo desejo federalista emancipador do povo baiano, com vistas a inserir a então província na unidade nacional brasileira.

Sabemos também que a Independência do Brasil na Bahia não foi feita em gabinetes e salões, não aconteceu com um brado retumbante, mas sim nas ruas, nos campos de batalhas, com feridos e mortos! Contou com a participação decisiva do povo como protagonista. Indígenas, escravos libertos, gente humilde das classes baixas. Figuras de comando tiveram performance significativa no desenrolar da pugna. O general Labatut sobressai como comandante de nossas forças militares no seco, enquanto Lorde Cochrane foi o responsável pela guarda da Baía de Todos os Santos.

É bom não esquecer a figura da mártir Joana Angélica, morta ao impedir que os portugueses tomassem o Convento da Lapa; e a de Maria Quitéria, valorosa mulher com coragem incomum para combater os adversários portugueses no Recôncavo. Vestida numa farda de soldado, com a arma na mão, Maria Quitéria lutou contra os portugueses na Barra do Paraguaçu, em Santo Amaro e Cachoeira. Houve também Maria Felipa, uma negra catadeira de marisco, a mulher que comandou mulheres negras para seduzir os portugueses enquanto outras queimavam suas embarcações. João Francisco de Oliveira Botas, conhecido como João das Botas, português de nascimento, aderiu à causa brasileira da independência. Ele comandou uma flotilha de embarcações e protegeu a parte interna da Baía de Todos os Santos e a Ilha de Itaparica.

Cronistas registram que, na madrugada de 2 de julho de 1823, a cidade de Salvador amanheceu quase deserta: o exército português deixou em definitivo a província da Bahia. Alguns dizem até que o dia nasceu bonito, sem as chuvas de junho. O sol brilhou com seus raios de cegar a vista. O Dois de Julho acontecia assim com o esplendor do sol, para ficar na reverência patriótica dos baianos que, desde então, estabeleceram a tradição de comemorá-lo anualmente, com a repetição da entrada do exército pacificador na cidade de Salvador. De uns anos para cá, sabemos que o caboclo e a cabocla foram, por justiça, introduzidos no cortejo patriótico como homenagem prestada às gentes indígenas que contribuíram para a vitória dos baianos no confronto.

Foram brasileiros que, com armas em suas mãos, de fato libertaram a Bahia da opressão do Império português, começando o movimento em Cachoeira, Santo Amaro,

Maragogipe, São Francisco do Conde, Nazaré das Farinhas, Jaguaripe, Saubara. Formavam um exército em frangalhos. Depois, se juntaram a esses pobres brasileiros outros que desceram lá de Caetité, de outras partes do Sertão e da Chapada.

Na pugna ferrenha, não se sabe ao certo como o corneteiro Luís Lopes tenha ficado no coração dos baianos. Se a versão da história contada é verídica ou não, tudo se torna mais intrigante e, ao mesmo tempo, mais nebuloso. Nenhum estudioso tem informações aprofundadas sobre o assunto, mas o que se sabe é que ele participou do conflito que ficou conhecido como Batalha de Pirajá, onde, provavelmente, teve um papel decisivo. Propaga-se, no imaginário popular, que, em vez do toque de ‘recuar’, deu o sinal de ‘cavalaria, avançar’ e, em seguida, o de ‘degolar’. E quem acabou partindo em retirada foram as tropas lusitanas, imaginando que os brasileiros tinham recebido reforços...”. Meus senhores e minhas senhoras, peço mais um pouco da tolerância de vocês todos.

(Lê) “(...) O movimento que deflagrou a Independência do Brasil na Bahia motivou Castro Alves a escrever um poema de versos magníficos. Em *Ode ao Dois de Julho*, vemos um discurso eloquente elaborado com imagens candentes da esperança e da liberdade. Numa só voz, juntas, evocam a peleja entre o clarão e as trevas. O libertário poeta dos escravos, construtor de uma poética solidária sobre a escravidão dos negros africanos, agora com versos veementes, canta a liberdade como o sentimento mais valioso que envolve os baianos no palco do confronto. Como noiva do sol, a liberdade, essa peregrina esposa do porvir, faz-se motivo de inspiração ao estro do poeta mais amado pelos baianos.

Em um dos trechos do célebre poema, ele diz:

‘(...) Lá do campo deserto da batalha

Uma voz se elevou clara e divina:

Eras tu — liberdade peregrina!

Esposa do porvir — noiva do sol!...’

E finalizava seu ardor de poeta libertário com estes versos:

‘(...) Eras tu que com os dedos ensopados

No sangue dos avós mortos na guerra,

Livre sagravas a Colúmbia terra,

Sagravas livre a nova geração!

Tu que erguias, subida na pirâmide,

Formada pelos mortos do Cabrito,

Um pedaço de gládio — no infinito...

Um trapo de bandeira — n’amplidão!...’

A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia veste-me agora com as cores pátrias dessa data histórica, que expressa os sentimentos libertários de brasileiros em terras baianas, nos mares da Baía de Todos-os-Santos, nos céus do Nosso Senhor do Bonfim, nas veias históricas de nossos irmãos.

Distingue-me com honraria tão elevada que recebo como reconhecimento ao meu legado forjado ao longo de mais de 60 anos no ofício de escritor e divulgador da

cultura, como salientaram o deputado Marcelinho Veiga, o autor deste pleito, e, também, o amigo, desde a adolescência de memorável memória e inteligência inquietante, Joaci Góes.

Eu, graduado em Direito pela Universidade Federal da Bahia, exerci a advocacia durante mais de 40 anos na comarca de Itabuna e outras, no sul baiano. Fui advogado por profissão. Meu pai assim queria e pensava no melhor para mim. Dessa experiência, colhi os frutos ricos sobre as circunstâncias críticas dos seres humanos no seu estar da vida. Soube que, sem o Direito, não há democracia e liberdade, como valores mais poderosos que adquirimos ao longo dos séculos. Não se dá a cada um o que é seu. Não há paz. Predomina a lei do mais forte.

Mas, também, exerci o jornalismo com passagem na imprensa do Rio. Foi um aprendizado importante para saber que a linguagem precisa e ágil sobre o fato que se pretende divulgar ou analisar no seu teor informativo da verdade.

Mas, senhoras e senhores, ser escritor e poeta foi sempre a minha paixão. Nesta, fico caracterizado, por força do destino, como o animal gregário entre o alegre e o triste, o fabricante de incertezas e contradições, no uso da palavra mítica que reinventa a vida.

Já escutei dizer várias vezes que não serve para nada tal ofício diante das necessidades que a vida propõe no cotidiano. Sonhos não enchem a barriga de ninguém. De fato, pode, até, não resolver os nossos problemas econômicos, políticos, sociais, filosóficos, religiosos, sob uma perspectiva pragmática, materialista, porém, devolve aos seres humanos o que só a eles pertence.

Sem as artes não se tem a emoção. A vida passa sem graça. Não se dá novos sentidos à razão. E, na pobreza mental, sucumbimos como aderentes à ignorância da matéria. 'Não passamos de cadáver ambulante que procria', como observou o poeta Pessoa. Nesta vida do ar, sonhar e amar, é o que sou de fato. Ah, poesia, flor e vento, ao inventar-me como um grão no deserto onde tudo arrisco, no qual inocente respiro, mostras o quanto gostas de mim.

É por isso que eu, aqui, cheguei.

Quando, então, soube das incertezas, fui erguido por ti, muitas vezes. Muitas vezes, afugentas os meus medos e me sustentas nos meus ermos. Sem a tua companhia que irriga minhas artérias como a chuva à terra nas suas mil línguas, não há a lágrima, o beijo, o riso, o epitáfio. Não há o reconhecimento, a cumplicidade, o sentido.

É assim, ilustre deputado Marcelinho Veiga, é assim, caro confrade Joaci Góes, caro confrade Márcio Rodrigues, é assim, meus senhores e minhas senhoras, que recebo desta ilustre Casa Legislativa a relevante distinção desta Comenda Dois de Julho, como reconhecimento aos meus mais de 60 anos dedicados ao bem-estar dos outros, à progressão da cultura e à valorização da arte literária.

Aos que acreditaram em minha aventura para chegar até aqui, àqueles que, com as suas presenças, abrilhantaram este momento, fazendo-me cativo do afeto com seu gesto bondoso, externo, agora, o nosso agradecimento a todos vocês que vieram prestigiar o evento de elevada importância para o homenageado.

Eu agradeço de todo coração.”

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelinho Veiga): Gostaria de saudar a colega e deputada Fabíola Mansur. Ela, professor Cyro, é uma das deputadas mais preparadas desta Casa. Soube que ela estava longe da Assembleia, mas ela veio lhe prestigiar e prestigiar a história da Bahia. Obrigado, Fabíola. Sua presença engrandece esta sessão. (Palmas)

Neste momento, ouviremos a execução do Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelinho Veiga): Para encerrar, quero relatar algo.

Ao chegar ao Plenário mais cedo, eu ouvi uma frase da nossa colega sobre a importância das flores em vida. Desde aquele momento, eu vim refletindo. Isso é a pura verdade. Então, hoje, aqui, eu fico muito feliz e muito agradecido de ter a oportunidade de ter o meu nome ao lado do nome do senhor.

As flores em vida são muito mais importantes, porque a gente tem a oportunidade de falar olhando nos olhos e reconhecer a pessoa que o senhor é. Essas flores, colhidas hoje, são colhidas no jardim da cultura, no jardim das artes e, principalmente, no jardim da perseverança naquilo em que se acredita.

Viva Itabuna!

Viva a Bahia!

Viva o Brasil!

Viva o professor Cyro de Mattos! (Palmas)

Em nome da Assembleia Legislativa, agradeço a presença de cada um de vocês.

Declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.